



Avença

Proprietário: Dr. Ernesto Lacerda

Órgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria

Director e Editor: Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado



25 de Junho de 1967

Chefe da Redacção: Prof. A. Paula Santos

ANO XV

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OFFINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL - FIGUEIRO DOS VINHOS - TELEFONE 7

N.º 348

Guerra no Médio Oriente

Foi em verdade uma guerra-relâmpago, esta que, mal findo o lusco-fusco de 5 do corrente, rompeu entre Israel e os 13 Estados Árabes.

Treze são os Estados Árabes que se declararam em guerra contra Israel, mas em boa verdade só três se concluíram em acção militar para dominar e eliminar de vez o «Medinat Israel»: RAU, a Jordânia e a Síria. Em suma, os que têm fronteiras com o abominado Estado Judaico. Dos outros alguns enviaram um contingente militar simbólico ao Cairo ou contribuíram com dinheiro, que continua a ser o nervo da guerra, como no tempo de Bonaparte.

Depois de vitórias rapidíssimas (Israel tinha de vencer depressa para que as forças militares inimigas não tivessem tempo de se refazer e para que a diplomacia não tivesse tempo de intervir), a Jordânia, cujas forças militares ficaram reduzidas a metade (32 000 homens) rendeu-se em 7. Em 8 aceitou o armistício a R. A. U. e em 9 a Síria. A luta prosseguiu ainda durante 24 horas, num ponto ou outro, mas já era apenas rescaldo do temível incêndio.

A vitória militar de Israel, orientada pelo novo ministro da Defesa, general Moshe Dayan, surpreendeu o mundo e principalmente a Rússia, que deixara os seus aliados árabes sem mais apoio que palavras. Assim o diz agora o oficioso «Al-Ahram» do Cairo, que em 12 comentava a acção dos seus amigos comunistas: — «Os amigos do Egipto no grupo comunista limitaram-se a palavras em vez de acções, contrariamente aos Estados Unidos e à Inglaterra, que forneceram a Israel centenas e centenas de aviões e toda a espécie de armas pesadas e ligeiras».

Devemos observar que os israelitas destruíram centenas de carros e aviões árabes, especialmente egípcios — de origem soviética. Em artigo recente afirma o jornalista norte-americano Joseph Alsop que a Rússia dispendeu três biliões de dolares (85 500 000 contos) em armamento oferecido à R. A. U. para a tremenda aventura de exterminar Israel. Não diz de onde colheu a informação. Suponhamos que de boa fonte. Em todo o caso é inegável que os israelitas destruíram nesta guerra-relâmpago quantidades enormes de excelente material de guerra egípcio, jordânico e sírio. Todo de origem russa.

Estão os países comunistas de obediência russa a cortar relações diplomáticas com Israel, na sequência da atitude soviética. O director-executivo do diário egípcio «Al Akabar» Moamed El Tabel, comenta sarcástico: «Nada poderia preocupar menos Israel».

Na verdade a Rússia foi surpreendida pela rapidíssima vitória de Israel e verificou

que jogara no mau cavalo. Agora exige, cominativamente, que Israel abandone imediatamente os territórios árabes que ocupou a oeste do Jordão e no Sinai.

Ora começam as dificuldades de Israel: ganhou a guerra, mas falta ganhar a paz.

O ministro da Defesa Moshe Dayan, na euforia da vitória, disse que Israel nunca mais largaria de mão os territórios que ocupara. E, em entrevista dada à T V americana, claramente asseverou: 1 — Não restituirá Gaza, nem a margem ocidental do Jordão. As fronteiras de Israel são absurdas e indefensáveis; metem dentro do território israelítico os árabes. Israel tem de estar sempre alerta e sempre numa das mãos o árabe, na outra a espada, para viver livre... 2 — Não se admitirão intermediários entre Israel e os Estados Árabes; resolverão entre si os problemas: a ONU nunca resolveu nada no Médio Oriente. Está bem. Mas o próprio Dayan reconhece que no território jordânico ocupado há milhão e meio de árabes e espera a cooperação das Grandes Potências para resolver este problema; assimilá-los é hipótese que repele, porque Israel quer ser estado apenas árabe.

Com efeito ninguém há mais racista que os judeus, grandes vítimas do racismo... E lá estão os Grandes e a ONU na questão israelo-árabe. 3 — Assegurar-se-á a liberdade do Estreito de Tiran; só depois é que os israelitas deixarão Charm-El-Cheik. Mas Nasser, reconduzido ao poder e com absoluto poder, depois de simular demitir-se, declara preparar desde já a desforra. 4 — Os israelitas chegaram ao Canal do Suez, mas não lhe tocaram, porque deve ser uma passagem internacional livre também para eles, o que é de inteira justiça. Mas repete-se, Nasser continua no poder e com renovada promessa de apoio da Rússia.

No mesmo dia em que Moshe Dayan fazia declarações, se reunia o primeiro Conselho de Ministros de Israel depois da guerra e mais ou menos expressamente perfilhava tudo isto. Mas no dia 12 Levi Eshkol fazia declarações no «Knesset» e já era menos incisivo. Ninguém pense que aceitaremos voltar à situação anterior dizia, mas reagemente. Mas não precisou em que consistirá a nova situação. E mais disse que chegou a hora para as negociações directas entre Israel e os Estados Árabes. Mas um telegrama do Cairo informa que ali não se encara nenhuma hipótese de tal género de conversas.

Não há dúvida de que as grandes dificuldades de Israel começaram agora e talvez tenha ganhado aquela vitória fulminante para nada...

SENA

O "EMIGRANTE"

FALA A

"O NORTE DO DISTRITO"

O Sr. Francisco dos Santos, que foi modelo para o *Emigrante* e muitos outros quadros de Malhoa, mora aqui a dois passos na Portela da Lavandeira

«O Norte do Distrito» jornal de acentuado cunho regionalista, entendeu ser oportuno registar nas suas colunas, algumas declarações do homem que durante cerca de três décadas mereceu a amizade e viveu na intimidade do grande Pintor.

Numa tarde amena deste princípio de verão, fomos em passeio até à Portela, atrevesando e admirando aqueles campos de verdura luxuriante da Fonte da Guisa, Perrecho e Quinta do Mouchão, que de tanto agrado foram para o grande paisagista da pintura portuguesa.

Chegados à sua acolhedora casa pouco tempo tivemos que esperar pelo Sr. Francisco. Sua mulher, dedicada companheira de longos anos, já nos havia informado que se encontrava perto.

Logo que o avistámos subindo a encosta, fomos ao seu encontro. Apoiava-se em duas bengalas porque um incomodativo reumatismo há já alguns anos atacou aquele corpo, onde ainda hoje se adivinha o que foi a extraordinária compleição física do *camponês de Figueiró*.

Ao encetar o diálogo com o nosso entrevistado, teve ele palavras de espontânea simpatia para com «O Norte do Distrito» do qual mostrou ser delicado leitor, pelo conhecimento que tem de todos os assuntos aqui ventilados.

Recordou também a velha amizade e respeito que tinha pelo saudoso e ilustre Comendador Sr. Joaquim Araújo Lacerda Junior e da consideração que lhe mereceu o seu filho Sr. Dr. Ernesto Lacerda, proprietário deste jornal.

Com uma lucidez invulgar em pessoas com a sua propecta idade, o Sr. Francisco dos Santos começou por responder às nossas perguntas salientando que mais uma vez se concretizava aquela profecia do grande artista: Francisco amigo, olha que depois de eu morrer, muitos jornalistas e fotógrafos te hão-de procurar.

— Diga-nos Sr. Francisco, quantos anos trabalhou como modelo do Sr. Malhoa?

— Foi de 1913 até a 1933, ano em que faleceu, portanto 30 anos.

— Conhece algum modelo antes de si?

— Sim ainda me lembro da Maria Cândida, do Alfredo da Crista, do Jerónimo Godinho, do Júlio Soares Pinto, já falecidos.

— E dos do seu tempo?

— Recordo-me entre os felizmente ainda vivos da Sr.ª D. Zamira e Sr.ª Nazaré.

Dos falecidos a Dora da Flor, Adelaide Medeiros, Adelina Lopes, etc.

— Qual o seu primeiro trabalho como modelo?

A *varanda dos rousinóis*.

— Além desse pode indicar-nos outros quadros em que o Sr. Francisco tenha sido modelo, só ou em conjunto?

— Sim, posso referir entre muitos os seguintes:

— *Ai que lindo o nosso menino, Vou ser mãe, camponês de Figueiró, Descanso do modelo, O carrico, O Emigrante, Romaria, Vindima.*

— Qual o trabalho para si mais difícil?

— Sem dúvida que foi «O Emigrante». Tratava-se de uma posição muito difícil que até o Sr. Malhoa se admirava da minha resistência.

— O vosso trabalho era bem remunerado?

— Sim. O Sr. Malhoa pagava bem.

— Quando lhe perguntamos se os quadros eram bem vendidos, o Sr. Francisco contou-nos um episódio que aqui relatamos.

— Já nos últimos anos da vida do pintor, recebeu uma carta de um brasileiro do norte a encomendar dois quadros. Como já não se sentia com muita saúde, recusou-se o Sr. Malhoa a fazer o trabalho. O cliente insiste e em face dessa insistência pediu-lhe 300 contos.

Não se fez demorar a resposta concordante e os motivos desejados: a *Vindima* e a *Romaria*.

Pela exigência das características minhotas deslocou-se o Artista ao Norte. No regresso foi o

À QUARTA PÁGINA

"A Voz das Cinco Vilas," Feira de S. Pantaleão

Este nosso colega de imprensa, que se publica na vizinha vila de Chão de Couce, transcreveu no seu número de hoje, parte do artigo do nosso colaborador Sr. Fernando Pires intitulado «A'gua Potável», que se refere ao estabelecimento de uma barragem em Fragas de São Simão para abastecimento de água a alguns concelhos desta região.

Gratos pela deferência e pelo aplauso das considerações ali expostos.

Como é de conhecimento geral, foram nos últimos anos as festas do Parque que deram animação à nossa feira anual.

Há até quem já lhe chame as festas da vila, sem estar muito fora da razão.

A ser verdade o que nos informam, este ano não há quem queira assumir a responsabilidade de organizar as Festas da Feira.

Mais concretamente, parece

que apareceu quem as queria e podia fazer nas melhores condições, mas porque surgiram várias contrariedades, a entidade interessada desistiu.

Será que a Feira deste ano ficará reduzida às habituais vasilhas de barro, barulhentos vendedores de cobertores e mais umas tantas barracas para onde o público já olha sem interesse?

Estamos a um mês da feira e tudo é possível.

Programa de Rádio

Produções Rádio Atlântico de Içem dois programas de rádio a Figueiró dos Vinhos, nos próximos dias 9 e 16 de Julho às 21h 30m no Rádio Club Português de Miramar.

Chamamos para estes programas a atenção dos nossos leitores

O MELHOR **PÃO-DE-LO**
É O DA

CONFEITARIA Santa Luzia

DE *A. C. Campos*

TELEFONE 192

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

M. TEIXEIRA

SUCESSOR DE
Soc. Comercial Figueiroense, L.da
(ANTIGA PRISTA)

Telefone 81

FERRAGENS & AGENTE DAS TINTAS MARLUX
Correspondente do Banco Pinto de Magalhães, L.da
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

TERRABELA-HOTEL

UM DOS MELHORES DA PROVÍNCIA
INSTALAÇÕES MODERNAS
BAR — CAFE — RESTAURANTE — BILHARES

Serviços de Casamentos e Baptizados

PREÇOS ESPECIAIS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS
Telefone PBX — 50

**Stand de automóveis
e Camions**

EM
Figueiró dos Vinhos
DE
Barreiros (Irmãos), L. da

Vendedores autorizados dos carros VOLKSWAGEN
e camions BARREIROS e DODGE

Automóveis usados de todas as marcas com
garantia

Oficina de reparações em automóveis

Compra, venda e troca de automóveis

Carros de aluguer

Telefone 184 Apartado 12

O cancro, doença traiçoeira

Alguns sinais a que é preciso estar atento

A tragédia do cancro está no facto de se instalar no corpo humano insidiosamente, ao contrário de outras doenças que se anun-

ciam por assalto de febre e até pelas dores mais ou menos fortes, e mesmo pelas duas ao mesmo tempo.

O cancro, com efeito, não se denuncia de ordinário nem pela febre nem pela dor. Até, por vezes, nem sequer afecta o estado geral, de sorte que o individuo pode crer-se de perfeita saúde quando já está atingido pela terrível enfermidade.

Quando o cancro causa dores, a hora em que o médico pode tratá-lo radicalmente já passou há muito, escreve o Dr. Paul Ulrich.

A salvação está na descoberta a tempo. O ideal seria, pois, que cada um ao redor dos quarenta anos, se submetesse sistematicamente ao exame médico e sempre à menor suspeita.

Quais os sinais a que importa estar atento?

O Dr. Paul Ulrich condensou-os em sete pontos fundamentais, que todos devem conhecer e formar, de algum modo, o quadro geral de alerta ao cancro. São os seguintes, que merecem ser submetidos ao exame e apreciação dum médico competente.

I — Todo o nódulo indolor sobrevivendo sem razão plausível, sobretudo na região dos seios, dos lábios, da lingua, depois dos 35 anos.

II — Qualquer modança progressiva na cor ou na grossura das verrugas.

III — Perturbações digestivas permanentemente verificadas em pessoas cujas funções digestivas sempre tenham sido normais até aí e, em geral toda a perda de peso não justificada pelo regime alimentar ou restrições.

IV Qualquer alteração inexplicável no comportamento do intestino ou seja a obstipação não habitual ou diarreia.

V — Qualquer rouquidão, toda a tosse persistente, prolonga-se durante semanas; qualquer dificuldade de deglutição que não seja efémera mas duradoura.

VI — Qualquer supuração sanguínea, toda a hemorragia irregular, embora insignificante, sobretudo proveniente dos órgãos sexuais, das vias urinárias, digestivas ou respiratórias.

VII — Qualquer lesão, ulceração ou ferida, na pele ou nas mucosas, que domora a curar, a desaparecer, a cicatrizar.

Ourivesaria Lourenço

ELECTROBOMBAS PARA TODOS OS FINS
Agência PHILIPS - SIERA - PONTO AZUL - NATIONAL - BOSCH



TELEFONE 1105

FIGUEIRO DOS VINHOS

Encarrega-se de todos os consertos em RADIO e TELEVISÃO

Venda de propriedades rústicas na Freguesia de Maçãs de D. Maria

No Chão das Barradas, com a área aproximada de 7500 m2, com oliveiras e pinheiros, inscrita na matriz predial de Maçãs de D. Maria com o número 18482.

No Chão das Barradas, com a área aproximada de 7000 m2, com oliveiras e choupos, inscrita na matriz predial de Maçãs de D. Maria com os números 7749 e 7767.

No Balancho, com a área aproximada de 13400 m2, com oliveiras, pinheiros e sobreiras, inscrita na matriz predial de Maçãs de D. Maria com o número 8350.

No Balancho, com a área aproximada de 9000 m2, com oliveiras, pinheiros, sobreiras e eucaliptos, inscrita na matriz predial de Maçãs de D. Maria com os números 8482 e 8764.

Na Amarela, com a área aproximada de 2500 m2, com eucaliptos sobreiros e pinheiros, inscrita na matriz predial de Maçãs de D. Maria com o número 8475.

Na Costa do Lagar, com a área aproximada de 17500 m2, com pinheiros, oliveiras e eucaliptos, inscrita na matriz predial de Maçãs de D. Maria com os números 8136, 8216, 8219 e 8220.

Na Costa do Lagar, com a área aproximada de 11000 m2, com oliveiras, sobreiras, carvalhos, pinheiros e eucaliptos, inscrita na matriz predial de Maçãs de D. Maria com o número 18487.

No Lagar-de Baixo, com a área aproximada de 5250 m2, com oliveiras, e pinheiros, inscrita na matriz predial de Maçãs de D. Maria com os números 8114 e 8115.

Nos Lagares, com a área aproximada de 15000 m2, com oliveiras, pinheiros, sobreiras, carvalhos e eucaliptos, inscrita na matriz predial de Maçãs de D. Maria com o número 18486.

Nos Lagares, com a área aproximada de 6080 m2, com terra de amanho, oliveiras e choupos, inscrita na matriz predial de Maçãs de D. Maria com o número 18483.

Nos Lagares, com a área aproximada de 6080 m2, com oliveiras, pinheiros e eucaliptos, inscrita na matriz predial de Maçãs de D. Maria com o número 18480.

As propostas devem ser enviadas até ao dia 18 de Junho e podem ser feitas para cada prédio ou conjunto. Serão abertas em Maçãs de D. Maria, no Adro da Igreja, no dia 25 de Junho de 1967 ao princípio da tarde. Salva-guarda-se o direito de não vender se os preços não interessarem. Para ver os prédios, de preferência ao domingo, dirigir-se a:

António José Marques — Vale do Paio — Maçãs de D. Maria

Trata: Pedro Maria Serpa Pinto Abreu — Rua da Alegria — 936 — 2.º Esq. — Porto.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA

— DO —

DISTRITO DE LEIRIA

Av. Heróis de Angola-59

LEIRIA

AVISO

Avisam-se todas as empresas com sede no distrito de Leiria que vinham a contribuir para a Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio que, por despacho de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social, passam a estar abrangidas pela Caixa de Previdência do Distrito de Leiria, com efeitos a partir de 1 de Junho de 1967.

Deste modo, as folhas de férias respeitantes ao mês de Junho, bem como as respectivas contribuições, deverão ser entregues e pagas à ordem da referida Caixa de Previdência do Distrito de Leiria de 11 a 20 de Julho de 1967

A Comissão Organizadora

Vísado pela Comissão de Censura

História Verídica

Uma mulher às direitas

Por Elisa Vilarés Cepeda

Ficara órfã de pais por altura da «pneumónica» — a sempre lembrada peste maligna que, no ano de 1918, varreu tantos lares — e, com ela, mais duas irmãs, todas de tenra idade.

A mais novinha, de meses, por ter sido confiada a mãos inábeis, desumanas, ou talvez criminosas, triste é dizê-lo, em breve dava a alma ao Criador.

As duas restantes foram repartidas por casais de tios, mas um deles receando os encargos da criação e sustento de mais uma boca, sem a respectiva compensação em trabalho, alijou a responsabilidade, conseguindo e internamento da pequenina no asilo distrital.

Resta a nossa «perfilada», entregue aos outros tios, alcoólicos, ignaros, mais com a mira de a explorarem do que de a educarem e acarinhares.

Pelos seis anos já ela conduzia e guardava no pasto a única vaca do casal.

Na solidão e no silêncio dos campos foi ela fazendo o doloroso aprendizado da vida.

Nunca soube o que era escola e, à noite, ajojada ao peso dum feixe de lenha, sempre excessivo para as suas fracas forças, regressava a casa, onde, além da malga do caldo, não a esperava qualquer amostra de afecto ou carinho.

Desalinhada e mal arroupada, conheceu todas as agruras do triste viver aldeão em terras transmontanas, há cinquenta anos atrás.

O episódio da ovelha, que, devorada por um lobo deixara esgarçada pelas silvas e espinheiros a lâ do seu velo, faz luzir no entendimento infantil o partido que poderia tirar daquele material abandonado. Trata de o recuperar e o ajuntar para poder fazer meias com que se resguardasse da algidez do clima. Mas onde estava a roca para o fiar e as agulhas para o trabalhar?

Pondo à prova os seus dons inventivos, tudo ela vai obter, partindo do nada, numa lenta evolução que nos faz remotar, pelo pensamento, aos tempos primitivos mais recuados.

Dum ramo de negrilho faz a roca e o fuso, pelo modelo dos via pela ideia, e das hastezinhas das estevas, depois de escarnadas faz ela as agulhas, por sua própria invenção.

Mas há ainda uma longa dis-

tância a percorrer, até as mãos adquirirem a agilidade e a arte necessárias para ir entretecendo os fios.

Aproxima-se doutras raparigas mais crescidas, como ela guardadoras de gado, olha, observa, tenta e consegue!

Com a leitura e a escrita vai suceder o mesmo

A sua inteligência arguta leva-a a compreender o valor inestimável da instrução e alcança, junto das companheiras com escolaridade, o que a família de adopção sempre lhe regateou

Perigos morais a espreitavam atrás de cada sebo ou valado mas a sua direitura e força de ânimo sempre a souberam defender onde a maior delas baqueava.

Aos doze anos já ela ganhava a sua jorna, ou jeira, como é hábito dizer no dialecto local, mas sempre a sua sensatez, aliada ao amor do trabalho, a preservaram e a apontaram como exemplo.

Casou aos vinte e cinco anos com um rapaz vizinho cuja mãe hostilizava tal união por ela ser pobre de teres e ele abundado de bens, e, quando lhe vinham dizer: «Olha que a velha diz que te mata se lhe namoras o filho», logo ela retorquia prontamente, na sua desenvoltura: «Não me importa que ela me mate, contanto que ele me queira...»

A futura sogra cobiça para o filho a herdeira da Casa Grande, mas o bom senso do moço soube discernir bem entre os have-

res terrenos e as qualidades de carácter que exornavam aquela que escolhera para companheira do seu destino.

A vida em comum nem sempre foi um «mar de rosas»

E' dura a vida campestre. Requer energia e qualidades de trabalho excepcionais que o marido, um tanto indolente, não possuía no mesmo grau elevado que ela, e se, nas madrugadas de afã, ele não era tão pronto a erguer-se, como era requerido, já ela o sacudia do leito com um dos ditos em que a sua memória era fértil. «Quem dorme dorme-lhe a fazenda...»

Um dia, lamentando em conversa a perda duma cadela, que o lobo ao assaltar o rebanho lhe levava, e perante a estranheza da interlocutora por a fera a ter preferido a uma ovelha ou carneiro logo ela acode pronta; «E' que, em Janeiro, vale mais cão que carneiro».

Mas a história tem de ser interrompida porque a heroína vive e prospera e, com ela, a sua casa, e a prole que criou, a quem orienta e transmite as virtudes de trabalho que vêm dos tempos ancestrais e que fizeram da Raça Portuguesa um povo expansionista e dominador.

Agradecimento

A família da falecida Maria Angélica David Campos, não desejando cometer qualquer falta motivada por deficiência de endereços, vem por este meio apresentar o seu reconhecido agradecimento a todas as pessoas que durante a sua prolongada doença se interessaram pelo seu estado de saúde e bem assim aqueles, que se dignaram acompanhá-la à sua última morada.

A todos o seu indelével reconhecimento.

Como são os dentes

A forma e estrutura dos dentes é absolutamente peculiar.

A porção vizível, fora das gengivas, ou *coroa*, é protegida por uma camada de *esmalte*, substância muito dura, mais dura que os ossos, mas que, ao contrário destes, não possui a propriedade de poder reconstituir-se quando se fende ou parte. Sob o esmalte está a *dentina*, que constitui a maior parte do leite. E' também uma substância dura, não tanto como o esmalte, mas pode degenerar e desagregar-se quando sofre a acção das bactérias que chegaram à dentina através das fendas do esmalte

Na porção central do dente está a polpa, que contém nervos e vasos sanguíneos que asseguram a vida e a nutrição do dente.

Cada peça dentária tem uma ou mais *raízes*, pelas quais se implanta profundamente nos maxilares. Mais precisamos: os incisivos e caninos têm uma só raiz, os pequenos molares duas raízes, e os grandes molares três.

Na porção do dente que se esconde nas gengivas (colo e raiz) a dentina é coberta por uma delgada camada de cimento, que oferece uma superfície de inserção a fibras resistentes que unem o dente ao osso maxilar onde se implanta

No eixo das raízes corre um canal onde possam os vasos e nervos da polpa, subsidiários dos vasos e nervos dos próprios maxilares.

RODRIGUES PENA

Senhores Comerciantes da Região

O telefone DUZENTOS de Figueiró dos Vinhos está às vossas ordens, para

Victor Jorge Camoezas

vos apresentar a mais alta qualidade em CONSERVAS DE PEIXE e no maior sortido do País, nas reputadas marcas

TRICANA — PRATA DO MAR — MINOR — COMANDANT ATOM — SARDINHA — ESPECIALIDADES — MARISCOS

Já à venda nas boas casas da especialidade e em todos os Armazenistas de Mercearias da Região.

Victor Jorge Camoezas

Agente exclusivo da
Conserveira de Lisboa, L.da
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Luis Frias Fernandes

Médico

DOENÇAS DAS CRIANÇAS — CLÍNICA GERAL

TELEPHONE 38

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MARIA AMÉLIA DOS SANTOS ALVES

MÉDICA

Doenças da boca e dentes

Consultas às 2.^{as}, 4.^{as} e sábados das 9 às 12 horas e 5.^{as} e sábados das 15 às 18 horas.

Tel. 40

FIGUEIRO DOS VINHOS

Manuel Alves da Piedade

Médico

CLINICA GERAL

Telefone 98

FIGUEIRO DOS VINHOS

Pão-de-Ló

Fábrica de Santo António dos Milagres

Telef. 50

Figueiró dos Vinhos

Leia e divulgue este jornal

Prédio composto de 3 moradias

VENDE-SE

junto à Cadeia desta vila. Tratar com José da Silva Flora.

Alugam-se

Café com suas dependências e uma moradia no sotam do lado esquerdo, na Rua Major Neutel de Abreu, próximo da (Shell), um dos melhores locais desta vila.

Quem pretender dirija-se ao seu proprietário

JOAQUIM DA SILVA

Major Neutel de Abreu

(Continuação do número anterior)

Depois de muito instar e pedir para o Governo Geral, é-lhe, enfim concedida a licença de empreender a ocupação efectiva, pacífica, de todo o interior do distrito — e logo em Outubro monta o primeiro posto de na Ligúria; e um ano mais tarde (Outubro de 1966) o novo posto de Liúpo. Precisa e tenaz a sua acção ia irradiando cada dia mais fecunda. Reconhecendo então que, para mais facilmente realizar os seus planos, sem grande consumo de vidas e de dinheiro, precisava de aumentar o seu prestígio pessoal aos olhos de indígenas, lança mão dum estagema. Faz-se proclamar invencível, invulnerável. Tendo conseguido subrepticamente tirar os projecteis e parte da pólvora a alguns cartuchos de carabina entrega a arma assim carregada a um dos melhores atiradores indígenas e ordena-lhe que lha dispare contra o peito; e por cada tiro que o atirador lhe desfecha, Neutel devolve-lhe a bala, cuspidada pela boca. Estas sortes de prestigitação, que a olhos europeus parecem infantis, têm entre indígenas e para fins políticos, um alcance incalculável. Conquistam pacificamente, submetem sem violência, evitam o consabido cortejo de retaliações que tantas vidas, sangue e fazenda custam depois ao Estado. Mas já entre os nativos corria a lenda de outras mais altas façanhas suas. Certo dia em que viajava de machila do Lungo para o Moginqual, saltaram-lhe à estrada dois leões que estacaram e se sentaram a fitar a caravana. Pânico geral entre a matula negra que, paralizada de terror e espanto, se quedou a olhar desvairadamente o seu comandante, à espera do terrível desfecho. Neutel, com a noção exacta da aventura a que marchava, salta da machila, avança para as feras, reconhece de relance que não têm fome, pela calma do olhar e pelo sossêgo da cauda.

Exultante de alegria, mas como a perfeita calma que só um extraordinário sangue frio torna possível, dirige-se em voz alta às feras, em lingua indígena:

Façam o favor de me deixar passar senhores leões!

E estes, ou porque não tivessem fome ou porque vissem tanta gente, afastam-se realmente e embrenham-se no mato. Os machilheiros e o seu séquito não queriam crer o que os seus olhos viam. Desde esse dia, Neutel passou a ser para eles o *Ma'ion*, uma espécie de semi-deus.

Já temível pela sua bravura, tenacidade e energia, os indígenas tremiam só de lhe ouvir pronunciar o nome; nem sequer se atreviam a olhá-lo de frente, olhos nos olhos. O seu olhar cegava — diziam.

E assim prestigiado, quer pela sua intrepidez e valor na guerra quer pelos seus estratagemas na paz e espírito de rectidão com que administrava a justiça dia a dia engrandecia Portugal, alargando a sombra protectora da sua bandeira.

Fundado o último posto, resolveu internar-se mais longe, até Korrâne. Korrâne era então, o que ainda hoje é, um grande centro agrícola, muito populoso. Governava-o, um poderoso régulo, de nome Mucapera.

Esse famoso potentado, sabendo-se ameaçado por outros régulos

os rivais e vizinhos, manda embaixadores ao Mahon a propor-lhe paz, submissão e amizade.

Com alvoroço aceitou Neutel o estranho convite de Mucapera para uma visita de amizade às suas terras.

Nessa viagem usou Neutel de todo o seu arsenal de experiência e de conhecimentos psicológicos do indígena de que já dispunha.

Resolveu fazer-se acompanhar de 8 cipais e de um intérprete. A recepção foi triunfal. Nos limites das terras aguardavam-no três régulos menores, vassallos de Mucapera, que o agasalharam e recolheram nessa noite, pois só no dia seguinte o grande potentado poderia recebe-lo. Na madrugada seguinte, marcha Neutel para Korrâne, onde ao longo do caminho o esperava uma grande multidão emplumada e armada. O encontro dos dois homens foi solene e ritual e 15 000 guerreiros saudaram o comandante branco com o grito de guerra macúa e as salvas de palmas que vão pouco a pouco esmorecendo em sinal de cortezia.

Parece estarmos assistindo a uma página viva de Rider Haggard ou Rudyard Kipling, dalguns dos seus famosos romances de aventuras. Os grandes batiques de guerra, alucinantes e selvagens, debruados a estirados de escopêta e salvas de artilharia, começaram logo, prolongando-se pelos oito dias que Neutel se conservou junto do régulo.

Mas logo na primeira noite ali passada, tem o grande comandante de pôr à prova a sua intrepidez e sangue frio. Como o régulo lhe tivesse destinado para dormir uma palhota, dentro do seu kral das mulheres, Neutel declinou amavelmente o convite, declarando que só poderia dormir entre os seus soldados que, de resto eram só oito. O régulo mostrou-se triste, por ver que não era sincera a amizade do branco, nem a sua confiança.

E Neutel, medindo bem todos os perigos que corria curvou-se ao desejo de Mucapera, tanto para mostrar que não conhecia o medo, como para provar a sua confiança e a sinceridade dos seus propósitos de amizade. E entrando afoitamente desarmado e sozinho para a palhota da hospitalidade toda essa noite ali dormiu ou fez que dormia, ao som do mais infernal pandemónio de gritos selvagens e danças desvairadas.

No dia seguinte, a amizade firmou-se. Neutel aproveitou logo o seu tempo em reconhecer um local para novo posto. Reconhecido o local falou no assunto ao régulo, que lhe retorquiu parecer-lhe desnecessário ali um posto, tendo já firmadas tanta paz e amizade entre ambos e, portanto, com o Governo que o branco ali representava. No entanto, se assim o quisesse, escolhesse ele o sítio que melhor lhe parecesse. E assim ficou resolvido.

(Continua no próximo número)

Manuel Paiva

Regressado de S. Paulo-Brasil, em gôso de merecidas férias, encontra-se em Casal dos Ferreiros das Bairradas, terra da sua naturalidade, este nosso prezado amigo e assinante.

Desejamos-lhe, com os nossos cumprimentos uma reconfortante estadia.

Festas de S. João

Realizaram-se hoje os festejos em honra de S. João.

Reunidas as crianças da comunidade na Igreja do Carmo, depois da missa das nove, dali saíram em respeitoso cortejo até à Igreja Matriz onde à missa do dia decorreu a solene cerimónia, depois da qual foi oferecido um almoço às crianças, que teve lugar na Avenida Padre Diogo de Vasconcelos.

À tarde realizou-se a procissão que percorreu as principais ruas da vila com a costumada beleza e tradicional respeito.

Se por um lado é justo pôr em relevo o bom nível da festa na sua parte religiosa, é também muito natural e pertinente que se condene a apatia em que vivemos há anos a esta parte no sentido da promoção e organização da parte civil dos festejos.

As festas do nosso padroeiro tiveram em tempo grande luzimento e atraíram aqui muitos forasteiros.

Nunca nos constou que nesse tempo o esplendor religioso fosse de algum modo ofuscado

D. Maria Fernanda G. Vitorino

Acompanhada de seu marido, Sr. José Fausto Passos de Jesus Maurício, esteve na Redacção esta nossa dedicada assinante, onde veio liquidar a assinatura de «O Norte do Distrito».

Os nossos melhores agradecimentos.

O "EMIGRANTE,"

Francisco dos Santos que se encarregou de ir pedir ao Simões do Brunhal a gaita de foles e os tambores com que encarnou todas as personagens de A ROMARIA.

Como que a passar perante nós um filme de gratas recordações o Sr. Francisco dos Santos fala-nos dos homens do cinema e da televisão que o vieram filmar, dos muitos jornalistas a quem já concedeu entrevistas e com particular reconhecimento para o Sr. A. Moreira da Câmara com quem na presença do Sr. Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado teve demorada conversa num banco do jardim.

Esta reunião deu origem à publicação do livro *Encontro com a vida de Malhoa* do qual o distinto jornalista ofereceu um exemplar com expressiva dedicatória ao «modelo» de Malhoa.

A noite aproximava-se sem que de tal nos apercebessemos, motivo da sua agradável maneira de expor, na qual se presentem os efeitos de uma benéfica convivência.

— Para fechar a nossa entrevista disparamos a última pergunta: Lembra-se de algum dos discípulos de Malhoa que se tivesse revelado artista de mérito em algumas das suas modalidades de pintura de Arte?

Recordo-me de uma Sr.^a de Tomar: D. Maria de Lurdes para quem também servi de «modelo» e da Sr.^a D. Beatriz Lacerda que chegou a expor com êxito na Sociedade Nacional das Belas Artes.

Ainda se falou até que ponto haveria verdade ou ficção literária nas anedotas atribuídas a Malhoa nos livros do eminente escritor que foi o Dr. Júlio Dantas, mas deixamos esses contos largos para outra conversa num prometido encontro em Figueiró.

ou de qualquer maneira prejudicado com a realização dos festejos civis, e até estes normalmente, proporcionavam áquelas uma maior receita em favor da Igreja.

Feitas estas simples considerações, deixamos a esclarecida consideração do nosso zeloso pároco, Sr. Padre Soeiro que nenhuma culpa tem do estado actual das coisas — pedindo-lhe a sua valiosa cooperação para que as festas de S. João voltem a ter aquela grandiosidade de outros tempos.

Seria mais um óptimo serviço que Figueiró ficaria a dever a Sua Reverendíssima.

Estradas Municipais

Está concluída a terraplanagem da estrada que liga a povoação das Cabeças à estrada nacional n.º 350, junto da Ponte de Arega.

Ao acompanharmos numa das muitas visitas que ali tem feito o Sr. Presidente da Câmara, tivemos oportunidade de verificar que já ali se encontra bastante pedra destinada ao acabamento total da obra.

Também nos foi grato verificar quanto aquela laboriosa gente está agradecida a quantos de algum modo trabalharam para a realização daquele seu sonho de tantos anos que agora se tornou realidade.

O AMOR FILIAL

O filho recém-nascido é visto pelo pai e pela mãe com amor, com ternura e esperança

Cada um deles sonha certamente com um mundo maravilhoso e feliz para o seu menino.

Quanta luta, canseira, sobresalto e alegria o seu bebé lhes irá dar!

Não há dúvida de que esse bebé irá desempenhar no lar e na vida dos pais um lugar relevante, de toda a importância, trazendo-lhes as mais doces alegrias e o mais justificado orgulho.

Não caberá a esse filho, a esse bebé, depois de já consciente da vida, recompensar os pais, contribuindo para que o respeito que lhes deve nunca falte como elemento principal?

Que a inteligência que Deus lhe deu para saber compreender as coisas seja a razão máxima de uma gratidão eterna, espontânea e sincera.

Que as regras da nova geração não ultrapassem os deveres do respeito e da gratidão — para aqueles que tanto o acarinharam e lutaram — com delicadeza de espírito e sentimento de alma!

L. F. RANITO

SEGUROS

Automóvel, Responsabilidade Civil, Fogo, Acidentes de Trabalho Agrícolas e todos os ramos autorizados por lei.

Irolinda Nunes Curado—
Telefone 34—Figueiró dos Vinhos.

O TOQUE DA SEREIA

— Aproxima-se a época do ano em que a nossa região costuma sofrer os efeitos calamitosos de sucessivos incêndios.

— A Imprensa e a Rádio têm o seu papel a desempenhar numa campanha de prevenção a todos os títulos meritória e não se pode negar o alto valor da sua desinteressada colaboração.

— O alarme dos fogos tornou-se tão familiar aos ouvidos dos figueiroenses, que se não fosse espírito abnegado da nossa gente muitos ficariam insensíveis àquela clamorosa chamada.

Mas, felizmente, temos observado que a qualquer hora do dia ou da noite aparece sempre quem esteja disposto a colaborar na luta contra o fogo.

— No entanto a colaboração que hoje aqui queremos pedir aos nossos leitores, é a tal colaboração preventiva.

— Todos nós, sem qualquer distinção, podemos colaborar no sentido de evitar o incêndio, porque também estamos sujeitos a contribuir involuntariamente para o atear do fogo.

— Devemos ter o máximo cuidado com as pontas de cigarro, não as deitar fora sem que, conscientemente, estejamos assegurados do seu total apagamento.

— Devemos por todos os meios ao nosso alcance demonstrar aos homens que trabalham no pinhal a inconveniência de ali fazerem as suas refeições, e quando não tiverem outro recurso, não abandonarem o local sem a certeza de terem eliminado o perigo.

— Devemos vigiar convenientemente as borralheiras, porque o facto de serem autorizadas, não é a licença que evita o perigo.

— Se todos nós nos dispusermos a colaborar activa e preventivamente contra o fogo, seremos os melhores auxiliares dos soldados da paz que tudo oferecem, até ao melhor que têm, que é a própria vida, em defesa de todos nós.

Agradecimento

Adriano Lopes Medeiros, e família, residentes em Pontão, agradecem muito reconhecidos às pessoas que tomaram parte no funeral de seu pai Joaquim Medeiros de Martingão, ou lhes manifestaram pesar.

Venda de prédios e Andares de Rendimento

A 15 minutos de Cacilhas, com isenção por seis anos e renda ilimitada. Desde 135 000\$00 com 4 assoalhadas em placa: 2 sacadas a marmorite; telefone interior, etc..

A 300 metros: praça, cinema, escolas, posto medico, Igreja, Correios, etc.. Carreiras de 15 em 15 minutos.

Não há dificuldades em inquilinos.

INFORME-SE NA

Ourivesaria Lourenço

TELEFONE 105 FIGUEIRO' DOS VINHOS